

BUMERANGUE E A FILOSOFIA: FABRICAÇÃO REFLEXIVA

SCHEILA NUNES MEIRA¹; KATHLEEN OLIVEIRA, MARIA CAMILA
CO-AUTOR(ES)²; PROF. DR. PEDRO GILBERTO DA SILVA LEITE JÚNIOR³

¹Universidade Federal de Pelotas – scheilameira@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – oliverkath@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – mc.gaucha@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – pedroleite.pro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O bumerangue é um objeto de arremesso e retorno não convencional. Estudos arquelógicos e históricos revelam que o bumerangue mais antigo escavado na Polônia (1987) data de 23 mil anos antes de Cristo (23000 a.c.). Ao mesmo tempo, este objeto ocupa o imaginário infanto juvenil como desejo e/ou curiosidade. As produções visuais, frequentemente utilizam o objeto como arma (Batman, Jaspion, Esquadrão Suicida) ou ainda como metáfora (entrada da novela global “Ou lado do Paraíso”). Mas atualmente, o esporte vem sendo desenvolvido de forma amadora sendo praticado em diversos países, inclusive no Brasil. Em 2012, o brasileiro André Caixeta Ribeiro conquistou o título de campeão do mundo, na Austrália¹. Na cidade de Pelotas, a bumeranguista Scheila Meira é a única mulher a participar de campeonatos oficiais no território nacional.

No curso da história da filosofia, são frequentes os autores que consideram que a experiência é uma das principais formas de conhecer (HUME, 1998). Infere-se, a partir das leituras sobre o empirismo que as impressões sobre um objeto podem facilitar a aprendizagem. Ao mesmo tempo, sendo o bumerangue um esporte “não convencional”, a possibilidade de demonstração em sala de aula, pode ser o primeiro movimento da metodologia de ensino de filosofia proposta por Sílvio Gallo: a sensibilização. Este primeiro movimento, traria consigo a possibilidade de “espanto”, próprio ao filosofar. Ou ainda a emoção para aprender como proposto pelo neuroeducador Francisco Mora.

Assim, tendo em vista a especificidade e potencialidade do esporte bumerangue, este trabalho se coloca como um relato de experiência proposto pelas bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da área da Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A oficina, assim, teve como objetivo apresentar a história do bumerangue associada ao surgimento do pensamento filosófico, mostrando que há sim uma relação entre o surgimento de ambos.

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento da proposta foi uma produção coletiva que partiu da vontade de levar o bumerangue para dentro da sala de aula. Para tanto, foram realizadas algumas reuniões do PIBID institucional onde, por meio do diálogo, observamos as possibilidades de abordagem filosófica o objeto.

Num segundo momento, observamos que apenas contar a história do jogo e a história do surgimento do pensamento racional não era suficiente para proporcionar a aprendizagem a partir da experiência. Assim, o segundo momento

¹ “Mineiro é o mais rápido do mundo com modelo próprio de bumerangue”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2012/11/mineiro-e-o-mais-rapido-do-mundo-com-modelo-proprio-de-bumerangue.html>. Acessado em: 13, out.

da oficina, consistiu na proposta de confeccionar, em sala de aula, um bumerangue de papelão, composto de 4 asas. Este momento, deixa evidente o caráter interdisciplinar da oficina, pois é o momento onde conseguimos explicar aos estudantes o funcionamento do objeto e damos razões para o seu retorno.

Explicando brevemente, o perfil aerodinâmico de cada asa do bumerangue, simula a asa de um passarinho, composta de uma parte mais espessa e outra mais “afiada”, como na figura abaixo:

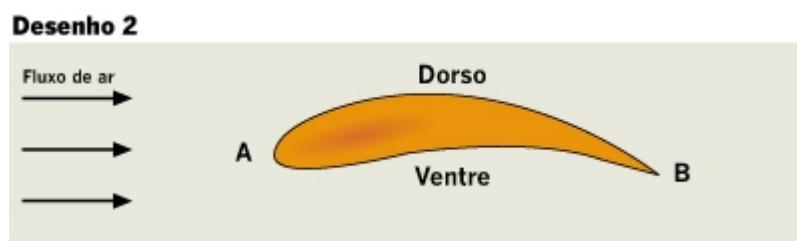


Figura 1. Corte transversal da asa de um bumerangue.

Fonte: Estadão, 2006.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento esta oficina de “Bumerangue e a filosofia” foi aplicada em dois ambientes: para professoras da rede pública municipal de Pelotas, no evento 3º Seminário Municipal Perspectivas da Educação, realizado em 2017, no Colégio Municipal Pelotense. O segundo momento de aplicação foi para os jovens presentes no II Acampamento da Juventude, realizado no mês de outubro na cidade de Canguçu. Para estes dois momentos flexibilizamos os conteúdos adaptando-os a cada público-alvo.

A oficina para as professoras, realizada em setembro de 2017, contou com a presença de aproximadamente quinze professoras do ensino fundamental. Neste encontro trabalhamos a oficina retirando o conteúdo filosófico e inserindo conteúdo de artes e as possibilidades do estudo da simbologia africana dentro da oficina. Esta flexibilização foi um pedido das organizadoras do evento, pois nas séries iniciais o ensino de filosofia ainda não está institucionalizado. Nesta atividade, as professoras puderam desenvolver os seus bumerangues e arriscaram arremessos dentro da sala de aula. Ao mesmo tempo, dedicamos um momento para que elas pudessem associar o objeto às suas práticas diárias.

A oficina no II Acampamento da Juventude de Canguçu reuniu cerca de 18 estudantes do ensino médio e técnico agrícola. Este evento acontece anualmente e reúne jovens de várias outras unidades educacionais. A vivência em bumerangue, neste momento, especificamente seguiu a espontaneidade dos estudantes. Após a exposição da história do bumerangue e da história dos primeiros filósofos/pensadores abrimos uma roda de conversa, dando a oportunidade deles explorarem questões. As perguntas dos estudantes versaram sobre o funcionamento do objeto, a metodologia do arremesso e as competições. O segundo momento foi a fabricação do bumerangue, disponível na figura 2.



Figura 2. Modelo do bumerangue de papelão
Fonte: Arquivo pessoal

Também disponibilizamos a planta de mais um bumerangue – modelo cruzeta – de quatro asas, mas nenhum dos dois grupos preferiu este modelo para a fabricação.

4. CONCLUSÕES

Ao final da atividade, pudemos considerar que a proposta de trabalhar conteúdos a partir da experiência se mostra interessante e possível. Ao mesmo tempo, notamos que a oficina tem um caráter multidisciplinar, podendo ser adaptada em relação aos seu conteúdo conforme a faixa etária do público-alvo.

Quando consideramos o potencial sensibilizador do bumerangue, notamos que o público-alvo sente-se motivado, surpreso e curioso ao ver a demonstração. Num primeiro momento, fica evidente que o retorno parece mágica e motiva a participação e o aprofundamento das questões específicas, dando margem para o prosseguimento da metodologia de Gallo.

O aproveitamento desta “emoção” proporcionada pelo bumerangue acaba gerando uma oficina interativa e a dosagem dos conteúdos foram, até o momento, consequência da motivação para conhecer de cada público.

Observamos que a proposta da produção de um bumerangue, trás consigo uma possibilidade inusitada dentro da sala de aula – ou espaço de convivência em que se realiza a oficina -, afinal, a atividade de produzir um objeto não é algo comum às crianças ou jovens nem mesmo aos adultos contemporâneos. Este momento, tomando como base as duas aplicações relatadas acima, geram a percepção do pertencimento e capacidade de criar um objeto “*make me*” - feito por mim -.

Por fim, até o fim do semestre, as bolsistas mantém as atividades, buscando aplicar esta oficina em outras escolas e demais espaços de convivência de forma totalmente gratuita, visando levar a experiência de aprendizado, fabricação e arremesso do bumerangue a mais pessoas.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CHAUI, Marilena. Convite à filosofia. 13.ed. São Paulo: Ática, 2005.

HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano*. Lisboa: Edições 70, 1998.

LIPMAN. Alguns pressupostos filosóficos de filosofia para crianças. In: KOHAN, Walter Omar (org). Filosofia para crianças. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, v. IV, pp 73-76.